

Greice Regina Bolgar dos Santos

**SALA DE AULA E VÍDEO: UMA RELAÇÃO A SER  
REPENSADA.**

RIO DE JANEIRO

2004

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**Greice Regina Bolgar dos santos**

***SALA DE AULA E VÍDEO: UMA RELAÇÃO A SER  
REPENSADA.***

**Monografia apresentada à Escola de  
Educação da Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO  
para obtenção do grau de  
Licenciatura em Pedagogia.**

**Orientadora : Prof.<sup>a</sup> Mônica Cerbella Freire Mandarino**

**RIO DE JANEIRO**

**2004**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH**

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

**DISCIPLINA: MONOGRAFIA II**

**REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:**

**PROF.º Dr. PIETRO NOVELLINO**

**DECANO DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS :**

**PROF.º Dr. LUÍS EDUARDO MARQUES DA SILVA**

**DIRETORA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO:**

**PROF.º Dra. MARIA AMÉLIA GOMES DE SOUZA REIS**

**CHEFE DO DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA:**

**PROF.ª Dra. CARMEN DIOLINDA SANCHES SAMPAIO**

**PROFESSORA DA DISCIPLINA MONOGRAFIA II:**

**PROFª. Dra. LIGIA MARTHA COIMBRA DA COSTA COELHO**

**ORIENTADORA:**

**PROFª MÔNICA CERBELLA FREIRE MANDARINO**

## **DEDICATÓRIA**

**Dedico este trabalho a todos os profissionais da Educação que um dia ousaram e mostraram o quanto é prazeroso ser educador. A todos os professores com quem convivi na UNIRIO e às escolas que estudei, pois são pessoas que vale a pena entrar em contato, porque desse contato saímos enriquecidos. À professora e orientadora Mônica Mandarino com quem pude vivenciar momentos árdus e prazerosos; momentos estes, ricos em conhecimentos, que proporcionaram a mim, imenso aprendizado!**

## **AGRADECIMENTOS**

*A Deus por me dar saúde e permitir que conviva com as pessoas que amo! A pessoa mais importante da minha vida, meu super pai. À minha mãezinha que apesar da falta, permanece viva em minhas lembranças e por quem eu guardo um amor profundo e eterno! Aos meus irmãos, Andrea, Rachel e Matheus, por abrilhantarem a minha vida; eu não sei o que seria de mim sem vocês! Aos meus cunhados Jorge e Marcelo, pelos momentos alegres que proporcionam à minha família. À professora, orientadora, “espelho” e amiga Mônica Mandarino, por se dedicar aos trabalhos e projetos que desenvolve; pela oportunidade de ter sido monitora e bolsista de pesquisa, onde cresci e amadureci; por acreditar em minha formação; pela paciência nos momentos difíceis; pela ajuda irreparável para que esta monografia tomasse realidade; minha eterna professora! À Coordenadoria de Educação a Distância (CEAD), onde aprendi e conheci pessoas e profissionais maravilhosos: Carmem Irene, pelos ensinamentos; Gilda Grumbach, por sempre acreditar em meu potencial; Guaracira Gouvêa, pela dedicação em suas aulas e força na Disciplina Informática Educativa; Nilci Guimarães, pela doçura de suas palavras e por me mostrar o que é avaliação; às amigas Laize e Flávia, por quem sou grata pelas ajudas, conselhos e momentos de alegria. À professora Flávia Lobão, por quem tenho profunda admiração! A todos os meus queridos professores da UNIRIO, pela garra e contribuição a uma formação plena e crítica. À equipe do Convênio UNIRIO/UNESCO: Maria Fernanda, Luís Carlos, João Carlos, Eliane Ribeiro, Ana Leite, Angela, Miguel, Inês, pela oportunidade de trabalhar no programa Escolas de Paz e demais pesquisas, onde tive oportunidade de conhecer, crescer e enriquecer ainda mais minha formação. Aos professores e amigos Ana Karina, Osmar Fávero, Paulo Carrano e todos do Grupo de Pesquisa Juventude, Escolarização e Poder Local da UFF, pela oportunidade de conhecer e aprender ainda mais sobre Pesquisa em Educação. À amiga Maria Cecília, minha eterna companheira de trabalho! À amiga Fernanda, pelos momentos engraçados que me proporcionou, mostrando que a vida pode ser menos séria do que parece. Às amigas Luiza e Flávia de Moura, pelos momentos de aprendizado durante o Programa*

*Escolas de Paz. Às amigas Marcela, Alinny, Renata, Katiuscia, Cristiane, Luciana, Alessandra, Estefânea, Dayselane, Carla, Isabel, Simone, pelas aulas alegres e saberes que trocamos. À UNIRIO, por me proporcionar momentos inesquecíveis de conhecimento e reflexão; pela oportunidade de aprendizado através dos projetos e pesquisas onde participei e pelos profissionais, alunos, pessoas e amigos que encontrei.*

***“Uma Escola que não tenha medo  
nenhum de dialogar com os chamados  
meios de comunicação. Uma Escola  
sem medo de conviver com eles,  
chegando mesmo, até risonhamente a  
dizer: vem cá, televisão me ajuda! Me  
ajuda a ensinar, me ajuda a aprender.”***

***Paulo Freire***

## RESUMO

O mundo atual faz uso de uma linguagem repleta de atrativos. Os alunos estão a todo o momento diante de estímulos visuais e auditivos e, por isso, diversos autores da área de Novas Tecnologias na Educação, acreditam que a escola precisa incorporar as Novas Tecnologias a fim de melhorar o processo de comunicação. No entanto, estudos bibliográficos realizados nesta pesquisa monográfica mostraram que a utilização desses recursos de forma inadequada acarreta um mau aproveitamento do material. Portanto, o presente estudo preocupa-se em identificar e valorizar as formas de uso do vídeo como um meio presente e importante para as aulas, partindo do pressuposto de que a simples presença de recursos didáticos, tecnológicos ou não, e utilizações não educativas ou superficiais dos mesmos, não se sintoniza como uma formação plena e crítica. Desta forma, ao longo deste trabalho monográfico busco identificar, reunir e sintetizar diversas sugestões de utilização educativa do vídeo encontradas em autores da área, assim como identificar políticas ou iniciativas existentes, nacionais e regionais, que apóiam, divulgam e valorizam o uso da TV e do vídeo em sala de aula.



## SUMÁRIO

<b>1. Introdução .....</b>	<b>01</b>
<b>1.1 O problema de pesquisa .....</b>	<b>05</b>
<b>2. Os Audiovisuais .....</b>	<b>08</b>
<b>3. Audiovisual e Educação .....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 Os Dados de uma Pesquisa... ..</b>	<b>16</b>
<b>4. O Professor diante do Audiovisual .....</b>	<b>21</b>
<b>5. O Audiovisual chegou em minha escola. E agora, o que devo fazer?.....</b>	<b>25</b>
<b>6. Algumas Ações Relevantes .....</b>	<b>34</b>
<b>6.1 A TV Escola .....</b>	<b>35</b>
<b>6.2 A Multirio .....</b>	<b>40</b>
<b>7. Considerações finais .....</b>	<b>44</b>
<b>8. Referências .....</b>	<b>49</b>

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1: Os Recursos Tecnológicos .....</b>	<b>18</b>
<b>Tabela 2: O Recurso .....</b>	<b>18</b>
<b>Tabela 3: Número de Kits distribuídos pelo TV Escola .....</b>	<b>36</b>
<b>Tabela 4: Acervo de Programas do TV Escola .....</b>	<b>38</b>
<b>Tabela 5: Número de Programas da MULTIRIO .....</b>	<b>42</b>

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1: Uso de Vídeos pelos professores .....</b>	<b>19</b>
---	-----------

## 1. *Introdução*

É impossível pensar a sociedade contemporânea sem estabelecer associações com desenvolvimento tecnológico, inovações, criações, dentre outros termos que praticamente a caracterizam. A cada dia surgem novos aparelhos e equipamentos, que de uma maneira ou de outra, mudam comportamentos, sentimentos e idéias. Dentre várias, podemos destacar as tecnologias da comunicação que evoluem sem cessar e com muita rapidez, gerando produtos diferenciados e sofisticados, que nem sempre são acessíveis a todas as pessoas.

Na sociedade brasileira, poderemos citar a televisão e o vídeo, como as tecnologias de comunicação mais presentes e acessíveis à maioria da população. Na sala, no quarto, na cozinha, no bar, na quitanda, esses são alguns dos vários lugares que podemos encontrá-los. Quem os vê “quietinhos” na estante, pode pensar: “parecem simples suportes”, mas quando ligados, mostram muito mais do poderíamos imaginar a muito pouco tempo.

Para expressar melhor como essas tecnologias invadiram o cotidiano de todos, usaremos uma cena fictícia, mas ao mesmo tempo muito real:

“São 11h 30min e a televisão exibe um episódio da nova série do Sítio do Pica-pau amarelo. Nele, Dona Benta toma um gostoso café da manhã preparado por Tia Anastácia. Em seguida, corre para checar se os netos, Pedrinho e Narizinho, mandaram notícias por e-mail. Antes do almoço, navega na Internet. Em sites de culinária, encontra uma receita para fazer quando eles chegarem”. (BENCINI, 2002, p.17)

Imaginando Monteiro Lobato assistindo a essa nova série, poderíamos dizer que este se assustaria com as novidades e atitudes da célebre personagem, agora, tão ligada às novas tecnologias. E se ainda, colocássemos palavras em seu discurso ou em seus pensamentos, estes diriam: “Essa Dona Benta faz parte

de um admirável mundo novo!”. E se pudéssemos explicar tal inovação, diríamos que simplesmente, o mundo mudou. Aliás, está mudando. E muito rapidamente.

Sem dúvida, todos nós, habitantes desse “admirável mundo novo” – expressão utilizada pelo escritor para designar o mundo que difere daquele de sua “antiga” Dona Benta – também fazemos parte de tal mudança, e muitas vezes, sem ao menos percebermos a rapidez das inovações que, na situação acima, assustaria o escritor. Um mundo repleto de sofás, poltronas, sentimentos, emoções, imaginações, sonhos, imagens, enfim, televisões, vídeos, programas, Internet, entre outros recursos que, com certeza não fariam parte do Sítio de antigamente.

A criança que antigamente às 11h 30min da manhã soltava pipa, pião ou pulava amarelinha nas ruas ou no portão de casa, hoje, na maioria das vezes pode estar assistindo a cena descrita anteriormente, nos diversos locais deste “mundo novo” ou, melhor dizendo, na tão conhecida “telinha”, muitas vezes do tamanho desse mundo.

Não podemos negar as mudanças existentes nem tão pouco a presença da TV em nosso dia-a-dia. Muitas pesquisas confirmam esta presença maciça nas casas brasileiras. Dentre elas, podemos destacar o Censo 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), que verificou que o número de famílias brasileiras que tem TV é maior do que aquelas que possuem geladeira.

Quando falamos na escola, a presença da TV também já é um fato. Nos últimos anos os aparelhos de vídeo cassete e TV chegaram a boa parte das escolas brasileiras como mostram os dados de 2001 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Segundo este Instituto 66% dos

estudantes matriculados no Ensino Fundamental tem acesso a uma sala de vídeo.

Muitos autores que são referência para a área de Educação e Comunicação e para esta pesquisa monográfica, tais como Morán, Férres, Barreto e Belloni, sustentam que apenas a presença deste recurso não garante sua utilização e muito menos que esta seja pedagogicamente adequada. Recursos tecnológicos não resolvem nossos problemas educacionais, eles precisam de um mediador que poderá ser o professor, desde que este, conheça e detenha um certo “poder” sobre o meio.

Quando utilizada adequadamente, a TV na sala de aula, pode contribuir para diminuir o distanciamento entre a escola e a vida dos alunos, pois para muitos alunos a escola é vista como Gláucia Guimarães descreve:

“Um muro alto. Portões cerrados. Do lado de dentro silêncio. Do lado de fora, vozes, comentários, prosas; homens e mulheres, comunidade. De repente um sinal. Portões abertos, crianças, gritos, gargalhadas, sorrisos, mochilas atiradas ao alto. A AULA TERMINOU!”. (GUMIARÃES, 2000, p.17)

Os profissionais da educação precisam ter em mente a realidade de seus alunos, suas mudanças, expectativas, sonhos e desejos. É preciso entender que o mundo que os cerca está em constante transformação e, conseqüentemente, a escola, como instituição da sociedade, precisa acompanhar e se adaptar a mudanças cada vez mais freqüentes. Essas mudanças não podem ir somente até os muros da escola, mas precisam ultrapassar este “obstáculo”, ou seja, profissionais da educação não podem fechar os olhos para o que está acontecendo do lado de fora. É preciso que a escola perceba seu papel na formação de cidadãos críticos e atuantes e não apenas adaptáveis.

Em seu livro *TV e Escola: Discursos em Confronto*, Guimarães (2000) faz uma reflexão sobre as práticas de linguagem da televisão e da escola, investigando os “mecanismos de sedução” que tem a televisão e que faltam à escola:

“[...] a criança que chega à escola [...] crê, sonha, deseja, fantasia, inventa a partir de seu mundo significativo. A escola não pode ignorar esse mundo, e, mais ainda, as transformações que estão ocorrendo no mundo da criança. É com essa criança que a escola convive [...]” (p.7).

Incorporar as novas tecnologias, em especial o Vídeo e a TV, pode melhorar o processo de comunicação na escola. É preciso que qualquer recurso didático seja utilizado em todo seu potencial e não, como muitas vezes ocorre, de forma inadequada.

Vale ressaltar o significado atribuído por este estudo aos recursos audiovisuais, ora, aqui levantados. O Vídeo e a televisão não estão sendo apresentados como meros equipamentos, presentes nas escolas, como já foi dito. Mas, o que interessa nesta pesquisa é apresentar tais meios interligados e mostrar que juntos formam um material rico para as aulas. Portanto, estaremos considerando como uso adequado, pedagogicamente falando, a TV e o vídeo como um único recurso didático. Não nos interessa discutir o uso da TV para assistir à programação dos canais abertos, sem planejamento prévio relacionado aos objetivos pedagógicos e aos conteúdos escolares. Estaremos privilegiando a utilização da TV para exibição de fitas de vídeo previamente gravadas pelo professor ou que compõem um acervo da escola. Neste sentido, estaremos chamando de Vídeos, não o aparelho eletrônico que utilizamos para reproduzir as fitas, mas as próprias fitas.

## 1.1 O problema de pesquisa

Minha preocupação com o uso da TV na escola teve início a partir da participação voluntária em uma Pesquisa coordenada pela professora Mônica Mandarino e sua bolsista de Iniciação Científica Laize Garcia Lemos. Esta pesquisa – *Indicadores Metodológicos para a Produção e Utilização de Vídeos na Educação* – realizou um levantamento de dados com professores de 16 das 30 escolas-pólo<sup>1</sup> do Município do Rio de Janeiro que utilizam vídeos em sala de aula. Este estudo tinha como objetivos analisar as condições de utilização do vídeo no processo de ensino e aprendizagem, apontar indicadores para facilitar a utilização e apontar indicadores para a produção.

Os dados obtidos possibilitaram traçar um perfil dos professores que utilizavam o vídeo em sala de aula, as formas de utilização adotadas por estes professores, suas formas de escolha, dentre outras questões levantadas a partir da aplicação de um questionário. Como é comum ocorrer em pesquisas de levantamento de dados, a análise das respostas obtidas levou a equipe a formular novas questões de pesquisa. Algumas destas questões passaram a direcionar a construção deste projeto de pesquisa monográfica.

Nosso principal interesse é contribuir para que a TV passe a ser utilizada de maneira mais eficaz já que detectamos que os professores precisam ser melhor apoiados para superar as dificuldades, dúvidas e pré-conceitos que ainda cercam a utilização deste recurso. Assim, decidimos por uma pesquisa de cunho bibliográfico que organize e sintetize respostas para as seguintes questões:

---

<sup>1</sup> Escola-pólo é a designação dada pela Secretaria Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, em 2000, à 30 escolas distribuídas geograficamente pelo município de forma a funcionarem como pólos de multiplicação e disseminação do uso de recursos tecnológicos e atendimento às demais escolas para armazenamento e cópiagem de vídeos.

- Quais são os principais autores da área que contribuem para a prática dos professores utilizando a TV?
- O que esses autores teriam a dizer-lhes?
- Quais são as políticas existentes hoje para garantir e facilitar a utilização desses meios em sala de aula?

Por acreditar que tal recurso pode ajudar o professor a atrair os alunos, aproximar a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade, e também introduzir novas reflexões no processo educacional, que o estudo procurará responder às questões acima mencionadas.

A partir das questões que norteiam a pesquisa estabelecemos os seguintes objetivos:

- Identificar e valorizar as formas de uso da televisão e do vídeo, considerados como recursos didáticos.
- Investigar e apresentar as justificativas dos principais autores da área Educação e Comunicação quando defendem o uso do vídeo e da TV como mediadores do processo pedagógico.
- Evidenciar que a simples presença de recursos, tecnológicos ou não, associados a utilizações não educativas ou superficiais, não se sintoniza como uma formação plena e crítica.

Visando atingir os objetivos propostos neste estudo, foram utilizados métodos e técnicas de Pesquisa Bibliográfica e Pesquisa Documental. A etapa da Pesquisa Bibliográfica foi muito importante, pois a partir dela, definimos os fundamentos teóricos que embasam o estudo, possibilitando um olhar atualizado sobre a construção, formato, concepção e utilização dos recursos audiovisuais.



Nesta etapa, procurou-se identificar, reunir e sintetizar diversas sugestões de utilização educativa da TV e do vídeo encontradas em autores da área.

Na etapa da Pesquisa Documental, pretendeu-se identificar políticas e projetos desenvolvidos em âmbito nacionais ou regionais, que reforçam o uso da TV na sala de aula, assim como as produções de vídeos desenvolvidas pelos mesmos. Após levantamento inicial delimitamos este estudo a apenas duas iniciativas que foram identificadas como sendo as de maior repercussão: A TV Escola do MEC, desenvolvida em todo o Brasil e a MULTIRIO, empresa de multimeios do Município do Rio de Janeiro.

## 2. Os Audiovisuais

Para autores, como Férres, “[...] a palavra audiovisual é uma das mais equivocadas da terminologia comunicativa, pois em princípio, como palavra composta, faz referência ao que pertence à audição e à visão ao mesmo tempo [...]” (1998, p.128). Por isso, iniciamos este estudo buscando compreender mais detalhadamente o significado de tal palavra na área de Educação e Comunicação.

A expressão material ou recurso audiovisual é relativamente recente no vocabulário dos educadores, pois como afirma Haidt, esta expressão se integrou “[...] definitivamente à terminologia pedagógica no período posterior à Segunda Guerra Mundial, mais precisamente na metade do século XX [...]” (1999, p.226). No entanto, estudos da Didática, vêm nos mostrar que desde a longa data, vários educadores já defendiam a necessidade de usar recursos auxiliares no ensino, com o objetivo de ilustrar a palavra do professor, tornando as lições mais concretas e mais ligadas à realidade.

Em seu livro, *Curso de Didática Geral*, esta mesma autora, nos mostra a classificação brasileira dos recursos audiovisuais. Esta classificação inicia-se na divisão destes em recursos visuais, como elementos ou códigos digitais escritos que resultariam em materiais como o quadro de giz, os cartazes, as transparências, entre outros; e em recursos auditivos, como elementos ou códigos digitais orais, resultando em materiais como o rádio, os discos e as fitas magnéticas. Por fim, estes dois recursos resultariam em materiais mais elaborados, chamados definitivamente de recursos audiovisuais, como diapositivos e diafilmes com som, o cinema sonoro, a televisão e o videocassete.

Férres também descreve e analisa os usos atribuídos à expressão audiovisual. Para este autor, o audiovisual é usado

"[...] para fazer referência a meios ou a obras que se expressam pela interação de imagens visuais e sonoras [...] como o Cinema, o Vídeo ou a Televisão. Mas usa-se também, embora de maneira não tão apropriada [...] referindo-se a meios ou a obras que incorporam somente o elemento visual (como o quadro, o slide ou o retroprojeter) ou o elemento auditivo (como o disco, o rádio ou a fita de vídeo)" (1998, p.128).

É necessário destacarmos também a distinção entre o audiovisual como meio ou recursos tecnológicos e o audiovisual como forma diferenciada de expressão. Esta distinção é fundamental no campo do ensino, já que para a maioria dos autores estudados, são utilizados meios audiovisuais em sala de aula sem a forma de codificação que lhes é própria. Neste sentido,

"[...] o conceito de audiovisual inclui desde o simples audiovisual de apoio, posto a serviço do discurso verbal do informante ou do professor, até as obras que utilizam o audiovisual como forma de expressão autônoma" (FERRÉS, 1998, p.128)

Portanto, audiovisual hoje, não se refere apenas a equipamentos que possibilitam ver e ouvir ao mesmo tempo. Além disso, para autores como Morán, Ferrés, Fisher, por exemplo, o audiovisual é uma linguagem. Essa é a linguagem utilizada, por exemplo, pelo cinema, pela televisão e por recursos midiáticos recentemente incorporados à informática.

Partindo deste pressuposto, a TV e o Vídeo são exemplos de recursos audiovisuais. Ou ainda, são exemplos de recursos tecnológicos que fazem uso da linguagem audiovisual. Neste estudo, vamos considerar o termo audiovisual como uma forma de linguagem, acabando com a tendência que reduz os audiovisuais aos meios. Como afirma Ferrés "[...] a máquina não contribui em nada para a sedução dos discursos. Se a televisão [...] exerce fascínio é pelo tipo de discurso e não pelo meio em si, é uma questão de linguagem, de discurso, não de aparelhos." (2001, p.129).

A linguagem audiovisual surgiu, a partir das técnicas básicas de filmagem desenvolvidas pelos cineastas. A partir desta herança do cinema, a TV possui hoje linguagem, ritmo e objetivos próprios.

Morán (2000) nos mostra que esta linguagem audiovisual é formada pela junção de pelo menos outras três formas tradicionais de linguagem: a visual, a verbal e a sonora. Todos os recursos de cada uma destas linguagens, associados aos novos recursos resultantes do desenvolvimento de uma linguagem própria, são explorados para gerar múltiplas emoções em quem a recebe.

As imagens de um desenho animado podem atrair milhares de crianças; As músicas de uma novela podem encantar adolescentes e adultos; As palavras profundas de um ator podem “seduzir” milhares de telespectadoras. Esses são exemplos de recursos de linguagem que nunca são usados de forma isolada. Como destaca Morán (2000) estes recursos de linguagem conjugados, “[...] atingem-nos por todos os sentidos e de todas as maneiras [...]” (p.38). A linguagem audiovisual da televisão seduz, informa, entretém, projeta-nos em outras realidades e em outros tempos e espaços.

Assim como Morán, a maioria dos autores estudados ressalta a característica emotiva como uma das principais características da linguagem audiovisual. Para Ferrés, “[...] expressar-se audiovisualmente significa, então, comunicar as intenções no mesmo instante em que as emoções são suscitadas [...]” (1996b, p.15).

Diante da mesma visão, Gadotti (1998), afirma:

“A cultura de massa envolve o corpo inteiro, privilegia a imagem, o som, o movimento. É uma cultura envolvente, tão envolvente que, quando morre o personagem de uma novela, nos sentimos como se tivesse morrido alguém da nossa família [...]” (p.27)

Por outro lado, a capacidade de sedução da linguagem audiovisual não pode ser encarada apenas positivamente. Muitas vezes, por exemplo, emoções exageradas dificultam a reflexão sobre o que estamos vendo, ou ainda, sobre aquilo que querem que vejamos.

Este é um dos motivos pelos quais autores, como Ferrés, Napolitano, Morán e Belloni defendem uma alfabetização para os recursos audiovisuais. Para estes, é preciso formar telespectadores mais conscientes e críticos, que não se deixem seduzir a ponto de embotar a capacidade de reflexão e decodificação.

Segundo Napolitano (1999), “[...] a TV é, sob certos aspectos, um texto e como tal precisa ser lida. Um texto mágico e colorido, que age muitas vezes no imaginário pessoal e coletivo, mas ainda assim um texto.” (p.10)

Portanto, a leitura desta linguagem pressupõe o conhecimento dos seus elementos, seus códigos e processo de construção. Desta forma, o sujeito “alfabetizado audiovisualmente”, será capaz de perceber que os elementos e códigos são estruturados com um propósito, uma intenção de transmitir uma determinada mensagem, destacando o que interessa e excluindo o que não interessa.

Está correto afirmar que através da linguagem audiovisual conhecemos mundos diferentes e distantes de nós; conhecemos culturas, enfim, viajamos. Todavia, a viagem é realizada pelos olhos de outros e pode esconder o que realmente é. Recortes, pontos de vista, ângulos de visão, são alguns exemplos dos recursos de linguagem utilizados em função de escolhas.

Como exemplo, vamos supor que um produtor resolva fazer um Vídeo de divulgação do Rio de Janeiro e resolva apenas mostrar as belas mulatas do carnaval carioca e futebol no estádio Maracanã. Um chinês, por exemplo, que

assista a esse Vídeo, pode achar que o Brasil é apenas isso. Não sem intenção, o produtor quis fazer um recorte daquilo que ele queria mostrar. Por isso, precisamos estar atentos para aquilo que vemos, lembrando que o que um vídeo mostra é um recorte intencional de uma realidade.

Para tanto, todos os autores estudados defendem a necessidade da formação de pessoas que compreendam este tipo de linguagem, pois é também função da escola. Como afirma, Morán (2000), “[...] a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações [...]” (p.36).

Nossos estudos nos levam a afirmar que compreender a linguagem audiovisual é muito mais que uma simples necessidade, nesta sociedade contemporânea. Na verdade, é uma questão de cidadania.

### 3. *Audiovisual e Educação*

O discurso da linguagem audiovisual no cotidiano e na vida de adultos e crianças, deixou de ser uma discussão meramente "caseira" e "invadiu" também o campo educacional. A cada dia, surgem novas publicações acerca dos audiovisuais e seus papéis na Educação. Estudos, pesquisas, estatísticas, ensaios, iniciativas, programas, são muitas as publicações que discutem a relação TV, Vídeo e Educação.

Como vimos no capítulo anterior, a incorporação da linguagem audiovisual pela educação é uma preocupação de todos os teóricos estudados nesta pesquisa. Portanto, em alguns parágrafos seguintes citaremos alguns autores e suas obras acerca do uso dos meios na educação.

Joán Férres contribui para esta temática com publicações como *Vídeo e Educação*, *Televisão e Educação*, dentre outras analisadas neste estudo. Nestas obras pretende contribuir para uma reflexão teórico-prática a respeito da integração do Vídeo no processo de ensino Aprendizagem. Para este autor uma das maiores contradições do sistema educacional atual reside no fato de que as novas gerações de alunos saem da escola sem qualquer preparação para utilizar os meios, de forma reflexiva e crítica.

Um outro autor em evidência nesta área é o José Manuel Morán, professor e pesquisador de Novas Tecnologias. Dentre várias obras deste autor estudadas, destacamos *O vídeo Na sala de Aula*, artigo publicado na Revista *Educação & Comunicação* e o livro *Novas Tecnologias e Mediações Pedagógicas*, obra recente e elaborada juntamente com outros dois teóricos da área. Estas obras são direcionadas especialmente a professores e demais profissionais da Educação, com o objetivo de expandir o diálogo e as análises

sobre investimentos e utilizações tecnológicas em Educação com a perspectiva de construir novas propostas.

Uma outra publicação muito conhecida é o livro *Como Usar a Televisão em Sala de Aula*, de Marcos Napolitano. Nesta, o autor propõe uma série de procedimentos básicos que permite incorporar a TV em sala de aula, como documento sócio-histórico, como fonte de aprendizado e como catalisadora de debates. Além disso, fornece ao professor muitas sugestões para trabalhar com esta linguagem em sala de aula, com desenvoltura e segurança.

Além desses teóricos outros autores, muito reconhecidos na área, como Maria Luíza Belloni, Raquel Goulart Barreto e Gláucia Guimarães demonstram grande preocupação tanto com a reflexão teórica sobre o uso dos meios na educação quanto em fornecer aos professores subsídios para a utilização, algumas vezes, por meio da divulgação de resultados de pesquisas de campo.

A discussão acerca dos meios aparece também em iniciativas e publicações do Ministério da Educação. A importância dada pelo MEC às tecnologias na Educação pode ser verificada nos Parâmetros Curriculares Nacionais referentes ao Ensino Fundamental. De acordo com esta publicação:

“Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam como objetivos do Ensino Fundamental que os alunos sejam capazes de [...] saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos [...]” (p.56)

As obras e iniciativas estudadas nos mostram que, atualmente, pensar a sala de aula, a relação professor-aluno e os processos de ensino e de aprendizagem inclui discutir a utilização de recursos como a TV e o Vídeo. Para autores, como Férres e Morán a escola precisa repensar urgentemente a sua relação com os meios de comunicação, deixando de ignorá-los ou considerá-los inimigos.



Todavia, pensar nestes recursos vai muito além da simples defesa ou não da presença dos mesmos nas escolas. Para a maioria dos autores citados não adianta uma TV ou um Vídeo em uma sala de aula sem uma preparação dos principais agentes do processo educativo, professores e alunos.

Uma outra questão verificada nas obras estudadas é que a incorporação de recursos tecnológicos à educação não pode ser vista como simples substituição de outros recursos, como uma nova roupagem para práticas pedagógicas ultrapassadas. Além disso, cada recurso tem o seu papel no processo de ensino e aprendizagem e é preciso respeitar as especificidades e os objetivos de cada meio. Não se pode ainda acreditar que qualquer recurso didático, seja o livro, a TV ou o computador poderá ser responsável por mudanças significativas na educação. Segundo Barreto (2002),

“A simples substituição de livro didático pela TV, a mudança de um suporte para outro, pode ser uma forma de modernização conservadora: um formato novo para velhos conteúdos, uma espécie de maquiagem que até sugere diferenças sem, contudo, mudar a face do ensino”. (p.45)

Portanto, como afirma Marcos Napolitano (1999), “[...] se o professor optar por trabalhar com as novas linguagens aplicadas ao ensino, deve ter claro que esta novidade não vai resolver os problemas didático-pedagógicos do seu curso [...]” (p. 11)

Apesar de vários estudos e publicações nesta área, verificamos que a tecnologia ainda não tem merecido uma maior consideração por parte de alguns profissionais. Para teóricos, como Morán, educar com as novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade. A escola e seus agentes têm feito apenas adaptações e pequenas mudanças. Nesta mesma visão, Ferrés (1996b) afirma que “[...] a escola continua se mostrando reticente

para integrar em seu seio as novas tecnologias, temendo, sem dúvida, perder o controle do processo educativo [...]” (p.09)

Este medo, ou até mesmo essa rejeição, ainda ocorre com muitos professores. São várias as justificativas para a não utilização das novas tecnologias e, dentre elas, a falta de conhecimento e segurança de alguns professores se destaca.

Pesquisas, como a realizada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (MANDARINO, 2002), mostram que muitas escolas possuem os recursos, mas que seus professores ainda não os utilizam. Vale lembrar que foi a partir das análises dos resultados desta pesquisa que decidi fazer este estudo bibliográfico. Como já apontado anteriormente, tínhamos como objetivo compreender melhor tais resultados e que a organização e síntese das reflexões na área pudessem auxiliar outros profissionais da educação interessados nesta temática. Assim, para compartilhar minhas motivações com os leitores e ilustrar a má utilização dos recursos disponíveis nas escolas apresentamos, a seguir, alguns dos resultados da pesquisa *Indicadores Metodológicos para a Produção e Utilização de Vídeos na Educação*.

### **3.1 Os Dados de uma Pesquisa ...**

Dados da Pesquisa<sup>2</sup> *Indicadores Metodológicos para a Produção e Utilização de Vídeos na Educação*, exemplificam a preocupação com a resistência dos professores em utilizar a TV no processo pedagógico.

A pesquisa teve como um dos objetivos, diagnosticar as formas de uso TV e do vídeo e as dificuldades encontradas pelos professores que declaravam

---

<sup>2</sup> Pesquisa realizada durante o ano de 2000 na Coordenadoria de Educação a Distância da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro pela Professora Mônica Mandarino e sua bolsista de Iniciação Científica Laíze Garcia Lemos.

utilizar estes meios. Este diagnóstico visava poder contribuir para a ampliação da qualidade da produção de vídeos, de forma a melhor atender às necessidades dos professores e, ao mesmo tempo, apontar para coordenadores, diretores de escola e equipe central da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro aspectos que pudessem melhorar as condições de utilização dos recursos disponíveis. Para isso, foram desenvolvidos dois tipos de questionários – o da escola e o dos professores. Com o questionário da escola pretendia-se fazer um levantamento dos equipamentos existentes, das condições de uso e dos professores que o utilizavam, dentre outros aspectos. A partir destas informações iniciais apenas professores que já haviam utilizado a TV e o vídeo, mesmo que poucas vezes, responderam ao segundo questionário. O interesse deste segundo questionário era detectar as condições e formas de uso, as dificuldades, as demandas etc. Estes instrumentos de pesquisa continham tanto questões de resposta fechada quanto de resposta aberta e foram analisados quantitativa e qualitativamente.

A pesquisa foi realizada em 16 das 30 escolas-pólo do Município do Rio de Janeiro – escolas onde houve maior investimento em equipamentos e em treinamento dos profissionais para utilização de recursos tecnológicos e que, por isso, deveriam também prestar apoio à outras escolas de uma região circunvizinha pré-determinada.

A Tabela 1 mostra que no ano 2000, quando os dados foram coletados, muitos recursos tecnológicos já estavam disponíveis na maioria dos estabelecimentos de ensino de nossa amostra. A maioria das 16 escolas estudadas possuía 4 televisores e 4 vídeos. Todas possuíam antena parabólica e

câmera de vídeo VHS. Os equipamentos menos comuns eram a recepção a cabo (4 escolas) e o telão (4 escolas).

**Tabela 1 - Os recursos tecnológicos**

	ESCOLA	TVs	Vídeos	Antena	Telão	Cabo	Câmara
1	25 de Abril	4	4	1	0	1	1
2	Alm. Saldanha da Gama	5	4	1	1	0	1
3	Bahia	3	1	1	0	0	1
4	Bertha Lutz	5	4	1	0	0	1
5	Ceará	4	4	1	0	1	1
6	CIEP Adão Pereira Nunes	3	3	1	0	0	1
7	CIEP Carlos Drummond de Andrade	4	4	1	1	0	1
8	França	2	3	2	0	0	2
9	Gandhi	2	2	1	0	0	1
10	Gastão Penalva	5	4	1	1	0	1
11	George Pfisterer	5	4	1	1	0	1
12	George Summer	4	4	1	0	1	1
13	Mário Cláudio	3	3	1	0	1	2
14	Mário Paulo de Brito	4	3	1	0	0	1
15	Rose Klabin	4	5	1	0	0	1
16	Vicente Licínio Cardoso	4	5	1	0	0	2
	<i>Média</i>	<i>3,81</i>	<i>3,56</i>	<i>1,06</i>	<i>0,25</i>	<i>0,25</i>	<i>1,19</i>
	<i>Moda</i>	<i>4</i>	<i>4</i>	<i>1</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>1</i>

Fonte: Relatório de Pesquisa - Indicadores Metodológicos para a Produção e Utilização de Vídeos na Educação / UNIRIO.

Uma outra questão importante para o uso de audiovisuais na educação é o acervo. Diversas questões relacionadas com a profissão de professor tais como falta de tempo, de recursos, de atualização, por exemplo, levaram as pesquisadoras a considerar como requisito importante para uma maior utilização dos recursos disponíveis a existência de um acervo de fitas de vídeo, previamente gravadas, identificadas e de fácil acesso para os professores. Nas escolas pesquisadas, em relação ao acervo, os dados também mostraram que o número de fitas disponíveis era bastante significativo, como consta da Tabela 2.

**Tabela 2 - O acervo**

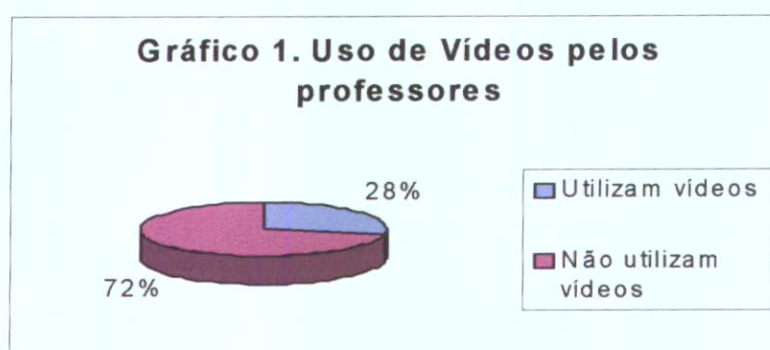
	ESCOLA	Títulos
1	25 de Abril	200
2	Alm. Saldanha da Gama	10
3	Bahia	855
4	Bertha Lutz	540
5	Ceará	445

6	CIEP Adão Pereira Nunes	70
7	CIEP Carlos Drummond de Andrade	506
8	França	480
9	Gandhi	670
10	Gastão Penalva	500
11	George Pfisterer	235
12	George Summer	469
13	Mário Cláudio	468
14	Mário Paulo de Brito	414
15	Rose Klabin	900
16	Vicente Licínio Cardoso	Não informou
	<i>Média</i>	<i>450,8</i>

Fonte: Relatório de Pesquisa - Indicadores Metodológicos para a Produção e Utilização de Vídeos na Educação / UNIRIO.

Apesar da quantidade média dos títulos disponíveis (aproximadamente 451) ser considerada boa, e ainda, a maioria das escolas possuir um número significativo de televisores e aparelhos de vídeo, a utilização destes recursos não era uma prática comum entre os professores.

As 16 escolas pesquisadas tinham, na época, ao todo 712 professores. Destes, apenas 198 (28%) declararam que já haviam utilizado vídeos em suas aulas.



O gráfico 1 nos mostra que apenas 28% dos professores das escolas-pólo nunca haviam utilizado recursos audiovisuais em suas aulas, o que representa uma parcela muito grande do total, principalmente em escolas tão bem equipadas como estas.

uma parcela muito grande do total, principalmente em escolas tão bem equipadas como estas.

Outro dado preocupante foi identificar que mesmo possuindo mais de um conjunto de TV - Vídeo, a utilização se restringia à sala de leitura. As salas de leitura são salas multiuso que não têm como principal finalidade a utilização da TV e do vídeo. Estas salas são também utilizadas como biblioteca, sala de reuniões, dentre outras. Alguns professores apontaram em seus questionários ser este um dos fatores que dificultam o uso do vídeo por alguns professores. Como afirma Belloni (2002), "em se tratando da dimensão física, vale lembrar que a arquitetura escolar não prevê a utilização das Novas Tecnologias" (p.48).

Outros aspectos relacionados com questões físicas tais como: salas barulhentas, necessidade de deslocamento da turma, disposição e/ou tamanho inadequados da TV para que todos os alunos acompanhem o programa, foram bastante citados pelos professores. Portanto, é preciso levar em conta a discussão de problemas físicos e técnicos, sem preconceito ou idealismo exagerados, quando falamos em incorporar o audiovisual como recurso didático.

Olhar apenas estes dados e de maneira superficial, sem aprofundar a discussão, poderia gerar mais acusações aos já tão desacreditados professores. Dizer apenas que estas escolas estão bem equipadas e que isso bastaria para que o trabalho com os audiovisuais fosse bem realizado seria uma leviandade. Os resultados desta pesquisa confirmam, mais uma vez, que não basta equipar as escolas. A principal conclusão, no entanto, é de que a simples incorporação de recursos tecnológicos pode não significar sequer que o uso destes equipamentos ocorrerá e, muito menos, que este uso será proveitoso, adequado e de qualidade para os alunos.

#### **4. O Professor diante do Audiovisual**

As reflexões realizadas pelas seções anteriores possibilitaram algumas conclusões prévias, mas ao mesmo tempo muito importantes. Uma delas refere-se à presença das tecnologias na Educação, cujos sujeitos envolvidos, sejam eles professores, alunos, diretores, funcionários, entre outros, desempenham papéis fundamentais para tal realização.

Dentro deste campo de discussão, todos os autores estudados, falam dos professores como agentes importantes nesta ação com e para os meios. Para teóricos como Morán (2000), trazer o universo do audiovisual para dentro da escola é um desafio para este profissional, já que nesta atividade “[...] um bom educador faz a diferença” (p.31).

Entretanto, no capítulo 3 deste estudo podemos verificar que muitos desses profissionais ainda encontram-se reticentes a essa incorporação. Este fato pode ser discutido a partir de uma questão que aparece na maioria das obras levantadas por esta pesquisa. Nelas, verificamos que ainda existem professores que acreditam na possibilidade de serem substituídos pelas Novas Tecnologias.

Em Ferrés (1996b) “[...] Os professores sempre se mostraram reticentes à integração na escola daquelas novidades técnicas que lhes podiam exigir mudanças pedagógicas ou supor uma perda de função” (p.33).

Dispondo dessas obras, acreditamos, que neste estudo, além de Ferrés, outros teóricos poderiam responder às indagações de alguns desses profissionais. Uma delas seria a seguinte: O audiovisual pode substituir o professor?

Na obra *A Escola e a Pluralidade dos Meios*, encontramos uma afirmação de Gadotti que parece ter sido elaborada, justamente para responder esta

questão:

“É claro que o vídeo não substitui o professor. Os vídeos têm uma grande capacidade de mostrar dados e fatos que falam por si mesmos. Mas, a Educação, sendo essencialmente a transmissão de valores, necessita do testemunho de valores em presença. Por isso, os meios de comunicação e a tecnologia não podem substituir o professor.” (1998, p. 28).

Partindo desse pressuposto, autores como Morán, Belloni, Ferrés e o próprio Gadotti (1998), acreditam que “[...] não há material didático tão perfeito que possa substituir a presença do organizador da atividade didática” (p.29).

Apesar desses autores acreditarem que esses meios não podem substituir o professor, em suas obras reforçam necessidades de mudança em sua função pedagógica. Nesta perspectiva, este profissional deverá tornar-se um estimulador que incita, anima e orienta os alunos. Além disso, um pesquisador e constante conhecedor dos meios em questão.

Para isso, uma adequada utilização didática desses recursos vai exigir dos professores uma formação específica. Neste sentido, de acordo com Gadotti: “[...] é indispensável investir na formação do professor [...]” (1998, p.29). Para este autor, de nada adianta o desenvolvimento da tecnologia se não trabalharmos na formação desse profissional.

Para Belloni (1999), esta formação torna-se essencial quando nos damos conta de que a maioria desses profissionais é confrontada com a necessidade de trabalhar com um meio para o qual não tiveram formação.

Pesquisas com professores revelam o desejo e insegurança destes profissionais em adaptar novas Linguagens à sala de aula, pois não se sentem preparados, ainda, para lidar com tais meios, sem primeiro, passarem por uma preparação inicial.

Esta afirmação pode ser verificada no seguinte relato de um professor



entrevistado pela pesquisa *Indicadores Metodológicos para a Produção e Utilização de Vídeos na Educação*, citada na seção anterior,

“Não nos é ensinado nas faculdades como utilizam os recursos hoje utilizados em sala de aula como os vídeos, os microcomputadores, entre outros.”(Professor – Escola George Pfisterer).

Um outro estudo que revela esta afirmação é a pesquisa de Citelli (1999,p.213). Esta pesquisa mostra que 90% dos docentes entrevistados na capital de São Paulo desejam receber apoio técnico-pedagógico de materiais e cursos para trabalhar as linguagens de comunicação. Estes profissionais esperam por cursos de formação continuada para atender às demandas de seus alunos.

Neste sentido, para Ferrés, Napolitano, Gadotti, entre outros, hoje é inaceitável pensar em incorporação ou utilização didática dos meios, sem antes, priorizar a formação desse profissional. E ainda, reforçam a necessidade de existirem políticas direcionadas para esta formação, sejam elas iniciais ou continuadas.

Para Ferrés, esta formação não deve estar voltada apenas para uma visão técnica, pois o que importa é “[...] uma preparação deste profissional em todos os níveis: formação técnica e tecnológica, formação expressiva e formação didática” (1996b, p. 35).

Sendo assim como afirma Gadotti, estes meios devem “[...] fazer parte das políticas públicas de educação [...]” (1998, p.28 ).

Napolitano cita algumas políticas<sup>3</sup> que considera importante para a formação desses profissionais com os meios. Em seu livro *Como usar a televisão*

---

<sup>3</sup> Assim como este autor, neste capítulo, optamos por apenas citar tais iniciativas, e não nos aprofundarmos em suas ações. Todavia, no capítulo seis deste estudo, algumas políticas consideradas em evidência aparecerão como fonte de estudo.

*em Sala de Aula*, destaca iniciativas públicas, as Tvs educativas, e não-governamentais, como a Tv Escola do MEC, o Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho e a Tv SENAC ( Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Segundo o autor, estas se inserem “[...] num amplo processo de renovação do ensino, no qual a televisão [...] tem um papel destacado [...]” (1999, p. 27).

Para os autores estudados, após esta primeira formação, estes professores poderão exercer um papel fundamental durante as atividades com os meios. Segundo Morán (2000), este papel seria “[...] fundamentalmente o de um orientador/ mediador” (p.30) entre estes e seus alunos.

Todavia, para que isso aconteça, a maioria destes autores destacam a importância de uma boa utilização desses recursos. Portanto, a partir do capítulo 5, procuraremos destacar algumas sugestões encontradas nos autores estudados.

### **5. O Audiovisual chegou em minha escola. E agora, o que devo fazer?**

Como já foi abordado em outros momentos deste estudo, o professor necessita de uma primeira formação para lidar com os recursos audiovisuais. Neste sentido, Napolitano (1999) destaca a necessidade deste profissional conhecer o material que vai utilizar, ou seja, conhecer sua linguagem, estrutura e objetivos.

Além disso, este mesmo autor, acredita que esta atividade deva ser realizada coletivamente e por isso, “[...] sugere uma abordagem interdisciplinar [...]” (p.24). Para ele, o uso do audiovisual em sala de aula “[...] deve ser encarado como um projeto, de preferência coletivo, partilhado, entre diversos profissionais de um estabelecimento escolar [...]” (p.25).

Autores como Ferrés, Belloni, Morán, e o próprio Napolitano, acreditam que, antes de mais nada, pensar nesta atividade inclui um tipo de planejamento diferente e que deve ser específico para cada vídeo. É importante adequar qualquer ferramenta pedagógica, em especial os vídeos, aos objetivos pedagógicos e à realidade de seus alunos.

Neste sentido,

“[...] se o professor está interessado em incorporar um novo material de aprendizagem, é melhor que ele planeje essa incorporação e se prepare previamente para extrair o máximo desse material. Tem sido muito comum o desestímulo de professores que, ao incorporar uma nova experiência didático-pedagógica, não encontram o retorno esperado da classe”. (NAPOLITANO, 1999, p. 43).

Para que esse desestímulo não ocorra, Napolitano (1999) destaca que o professor deve refletir sobre algumas questões prévias. Primeiramente, o professor precisa escolher um tipo de material pelo qual tenha um mínimo de empatia. Nesta fase, a escolha de um vídeo estimulante e compatível com os

interesses da classe é importante para o início de uma boa experiência. Além disso, aponta a necessidade do aluno sentir que esta experiência está articulada ao conteúdo geral do curso e não se trata de uma mera atividade de ilustração, vazia do conteúdo próprio.

A preparação de uma aula com vídeo inclui também tipos variados de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula. Alguns autores estudados trazem sugestões de como os professores podem ou não utilizar esses recursos. Em seu artigo *O Vídeo na Sala de Aula*, Morán (1994) propõe um roteiro simplificado com algumas formas de trabalhar vídeos na sala de aula. Morán inicia este artigo mostrando alguns usos inadequados que, segundo este autor, os professores devem evitar. Estes usos inadequados são classificados de "Vídeo tapa buraco", "Vídeo enrolação", "Vídeo deslumbramento", "Vídeo perfeição" e "Só Vídeo".

O "Vídeo tapa buraco" é definido como um uso que resolve problemas do cotidiano escolar, como por exemplo quando um professor está ausente e é preciso ocupar os alunos com alguma atividade. Para o autor, usar o vídeo com essa finalidade, desvaloriza a atividade e associa o uso do vídeo como uma não aula, principalmente para os alunos.

Situações de "Vídeo enrolação" podem ser detectadas quando um vídeo é exibido sem que haja uma vinculação possível com os conteúdos pedagógicos que estão sendo trabalhados com os alunos. Neste sentido, o aluno percebe que o material está sendo utilizado para "camuflar" a aula.

O "Vídeo deslumbramento" ocorre quando o professor costuma empolgar-se com tal meio e, por isso, acaba utilizando-o em todas as aulas. Neste sentido,

Ferrés (1996b) concorda com Morán, pois também acredita que esses recursos não podem ser entendidos como solução para todas as aulas.

Morán define o “Vídeo perfeição” afirmando que existem muitos profissionais da educação que criticam e questionam todos os vídeos que encontram, buscam algum defeito em todos os vídeos que conhecem justificando a não utilização devido a falta de qualidade das produções. Para este autor é importante usar vídeos mesmo que estes não sejam perfeitos, pois perfeição e adequação a qualquer público não existe. Detectar imperfeições junto com os alunos e questioná-las é também uma atividade pedagógica relevante.

Neste sentido, poderíamos concluir que o uso didático do vídeo vai muito além do próprio recurso, pois o importante deve ser o processo em si, como afirma Ferrés, “[...] a tecnologia do vídeo oferece grandes possibilidades de realizar atividades didáticas, nas quais não conta tanto a qualidade do produto, mas o trabalho realizado, o processo desenvolvido” (1996b, p.40).

A última classificação feita por Morán, refere-se no uso do Vídeo como simples exibição, o que ele classifica como “Só Vídeo”. Este é o caso do uso do vídeo desvinculado dos conteúdos que estão sendo trabalhados ou de uma utilização fria sem discussão ou aprofundamento, deixando para o aluno o estabelecimento de relações. Utilizar tal meio desta forma não é adequado, pois é preciso exibir o vídeo e discuti-lo e integrando-o com o assunto da aula.

Todos esses usos inadequados, destacados por Morán, nos remetem a uma questão que já foi levantada anteriormente, ou seja, a necessidade de planejamento da aula e das estratégias didáticas de utilização deste recurso didático. Só assim o professor não corre o risco de cair nestas cinco formas de uso inadequadas que foram levantadas por Morán.

Apesar destes usos inadequados levantados por Morán servirem de alerta e como pontos de reflexão, este autor assim como Ferrés e Napolitano, fazem sugestões de uso didático adequado do audiovisual. Além disso, a maioria das sugestões apresentadas por estes autores oferecem ao professor liberdade de adaptação à realidade de cada profissional e também de seus alunos.

A partir deste momento, destacaremos algumas das propostas apresentadas por estes autores buscando apresentar uma síntese que levou em conta as sugestões que consideramos mais relevantes e simples para adaptação por qualquer professor interessado em realizar uma atividade didática adequada com os meios. Após a apresentação da classificação destes autores para suas propostas, procuramos descrevê-las e discuti-las, chamando atenção para idéias que, muitas vezes, se repetem ou se completam.

Ferrés (1996b) destaca seis modalidades de uso: a Videolição, O Videoapoio, o Videoprocesso, o Programa motivador, o Programa monoconceitual e o Vídeo interativo. Já Morán (1994) destaca oito propostas de uso desse material: Vídeo como sensibilização, como Ilustração, como simulação, como Conteúdo de ensino, como produção, como avaliação, como espelho e como suporte.

A categoria Videolição é apresentada por Ferrés como sendo uma aula expositiva só que transmitida através de um vídeo. Esta modalidade tem como finalidade transmitir informações aos alunos, para que estes possam compreendê-las e assimilá-las. Para o autor, esta "é uma fórmula válida, ainda que amiúde não seja a mais criativa [...]" (FERRÉS, 1996b, p.21). Por isso, sugere que o professor não se limite a ela, pois poderá renunciar às possibilidades mais criativas da tecnologia do vídeo aplicado à Educação.

Esta modalidade, segundo o autor,

[...] se mostrará sobremaneira útil e estimulante para trabalhos em grupos pequenos e, sobretudo, para o ensino individualizado. [...] o professor pode preparar ou selecionar uma Videolição para complementar o estudo de um tema, colocando-a à disposição dos alunos, individualmente ou em pequenos grupos, em horas preestabelecidas [...]"(p.21).

Uma outra modalidade destacada por Ferrés é o Videoapoio. Esta forma de uso seria uma espécie de apoio à aula, já que, neste caso, as imagens em vídeo são utilizadas como ilustração para o discurso verbal do professor.

Podemos encontrar tal modalidade também nas propostas estabelecidas por Morán, que também apresenta a opção de uso do Vídeo como Ilustração. Neste sentido, este recurso ajudaria a mostrar o que se fala em aula, e até mesmo a compor cenários desconhecidos dos alunos.

Segundo Ferrés, "para que o Videoapoio seja uma fórmula mais criativa [...] é necessário que o próprio professor seja criativo [...]" (p.22), convertendo o recurso em um instrumento vivo, e aula em uma experiência gratificante para os alunos, facilitando, assim, a aprendizagem.

Férres sugere que o professor peça o auxílio dos alunos para o uso desta modalidade. Mas como? O professor poderia convidar seus alunos, individualmente ou em grupos, para que fornecessem imagens, que poderiam ser encontradas em programas de televisão, em comerciais, em filmes de videolocadoras ou até mesmo em gravações pessoais. Neste sentido, esta opção da modalidade Videoapoio, trazida por Ferrés, pode ser complementada pelo que Morán define como uso integração ou suporte. Para este autor, nesta proposta, o vídeo poderia ser utilizado como um suporte da televisão, cinema e outras mídias, já que professores e alunos gravariam, em vídeo, imagens importantes que poderiam ser utilizadas em sala de aula posteriormente.

O Videoprocesso é outra das modalidades apresentadas por Ferrés. Neste caso ele defende o uso da câmara como dinâmica de aprendizagem em que os alunos se sentem criadores ou, pelo menos, sujeitos ativos, da produção de um vídeo. Neste tipo de atividade a produção de vídeos ficaria nas mãos dos próprios alunos. Assim, são considerados por Ferrés, como Videoprocesso, os trabalhos de pesquisa feitos pelos alunos, onde fatos e dados são filmados e documentados.

Esta modalidade de uso é denominada por Morán como Vídeo Produção. Este autor sugere nesta categoria que os alunos registrem eventos, aulas, estudos, experiências, entrevistas, dentre outras coisas.

Para esses dois autores, experiências de produção de vídeos pelos próprios alunos são das mais gratificantes e prazerosas. Para Ferrés (1996b), “o Videoprocesso é uma das fórmulas mais criativas no uso didático do vídeo. Uma fórmula que pode e deve ser reinventada a cada dia” (p.23).

Outra modalidade do uso didático do Vídeo destacada por Ferrés é o que ele chama de Programa Motivador. Este, pode ser definido como um programa feito em vídeo, com a finalidade de suscitar um trabalho posterior ao objetivado. Ou seja, nesta modalidade, “[...] a aprendizagem se realiza basicamente no trabalho de exploração posterior à exibição” (FERRÉS, 1996b, p.24).

De acordo com as propostas estabelecidas por Morán, este Programa Motivador seria o mesmo que o Vídeo como Sensibilização. Nesta forma de uso o vídeo seria utilizado para despertar a curiosidade e motivar para novos temas, sugerindo e preparando para trabalhos posteriores.

A quinta modalidade destacada por Ferrés é o Programa Monoconceitual. Incluem-se nesta modalidade programas muito breves e que limitam-se a um



tema bastante específico. O autor considera este o uso de vídeos deste tipo muito prático, pois o professor pode utilizá-lo como um ponto de apoio complementar enriquecendo, aprofundando ou possibilitando outro ponto de vista para os alunos sobre um conteúdo específico.

Dentro desta mesma visão Morán apresenta duas propostas bem parecidas: o Vídeo como Simulação e o Vídeo como Conteúdo de Ensino. Na primeira situação o vídeo é utilizado para simular, por exemplo, experiências de Química que seriam perigosas se realizadas em laboratório ou que exigiriam muito tempo e recursos. Neste sentido, o audiovisual é usado de forma diretiva e específica, substituindo uma atividade que não se pode vivenciar na escola. No segundo caso, o vídeo seria utilizado para mostrar um determinado conteúdo de forma direta ou indireta. Um exemplo seria apresentar em vídeo uma situação real, que não se pode visitar ou acompanhar diretamente, para evidenciar ou explorar os usos de um conteúdo ou ferramenta.

A última modalidade apresentada por Ferrés denomina-se Vídeo Interativo. Esta modalidade compreende o uso conjunto de duas tecnologias de ponta: o vídeo e a informática.

"Denomina-se vídeo interativo todo o programa de vídeo no qual as seqüências de imagens e as seleções das manipulações estão determinadas pelas respostas do usuário ao seu material."  
(Baboulin Apud Ferrés, 1996b, p.26).

Além de todas as sugestões e modalidades apresentadas até aqui, cabe destacar outras duas apresentadas por Morán: o Vídeo como Avaliação e o Vídeo como Espelho. Na primeira o autor sugere que o vídeo seja utilizado no processo de avaliação dos alunos, do professor e também do processo de ensino e aprendizagem. Para o autor isto ocorreria pela gravação em vídeo de aulas e/ou outras atividades pedagógicas. A partir de experiências de gravação de atividades

na realizadas no espaço escolar é que o autor também define a categoria denominada Vídeo Espelho. Nesta modalidade o vídeo poderia ser utilizado como um espelho, para que alunos e professores tivessem a oportunidade de se verem diante da tela e, a partir daí, compreenderem seus gestos, atitudes e comportamentos, examinando e discutindo suas experiências e estabelecendo critérios de qualidade.

Apesar dos autores apresentarem sugestões que podem ser bastante enriquecedoras para as atividades escolares e, muitas delas, de fácil aplicação no cotidiano escolar, Napolitano (1999) alerta para a necessidade da existência de materiais de apoio. Sugere, dentre outras coisas, que os professores preparem materiais de apoio que ampliem as atividades em sala de aula com o recurso audiovisual. Destaca quatro tipos de materiais que podem contribuir ou enriquecer as atividades com recursos audiovisuais: os textos introdutórios, as obras de consulta rápida, os textos geradores e as fichas e roteiros de análise.

Os textos introdutórios são interessantes no trabalho com os Vídeos, pois têm "[...] a capacidade de expor os diversos aspectos do problema discutido de maneira objetiva e argumentada, fornecendo elementos de reflexão e ampliação de conteúdo" (NAPOLITANO, 1999, p. 52). Estes textos podem ser encontrados em livros, jornais ou produzidos pelo próprio professor.

As obras de consulta rápida são utilizadas neste tipo de trabalho para permitir ao aluno e ao professor resolver suas dúvidas e ampliar seu campo de informação diante do tema colocado por uma determinada aula com o vídeo. As obras a que Napolitano se refere nesta categoria de consulta rápida são: dicionários, cronologias, atlas, entre outros.

Os textos geradores tem o papel de provocar o aluno a discutir problemas

que serão explorados no vídeo escolhido pelo professor para uma determinada aula. Estes textos podem ser: poemas, crônicas, cartas, ilustrações, músicas, entre outros.

Já as fichas e os roteiros de análise permitem direcionar o olhar e o ouvir do público que assiste um vídeo, permite uma certa delimitação da atenção para um determinado objetivo a ser atingido. Conforme Napolitano, consideramos que isso não quer dizer que o aluno vá se prender totalmente a um roteiro ou ficha entregue pelo professor, mas pode favorecer o alcance dos objetivos daquela aula com o vídeo.

Todos os autores destacados nesta seção nos trazem pistas e sugestões ricas e muito importantes. Porém, não podemos esquecer do papel fundamental que professores e alunos desempenham para que o uso do vídeo torne as aulas efetivas e modifiquem substancialmente a sala de aula. É preciso que a escola seja um "[...] lugar privilegiado da educação e a escola como um local de criação e recriação da cultura e da cidadania". (GADOTTI, 1998, p.29).

Além disso, teóricos como Morán (2000), vêm nos mostrar que, apesar das sugestões propostas aqui, "não se trata de dar receitas, porque as situações são diferentes. É importante que cada docente encontre sua maneira [...]" (p.32) de trabalhar com o recurso, pois não existem, nem nunca existirão, escolas, alunos, professores e realidades iguais.

## **6 - Algumas Ações Relevantes**

A partir dos estudos realizados utilizando textos de Morán, Ferrés, Napolitano, Gadotti e Barreto, identificamos uma grande preocupação com a promoção de políticas públicas voltadas para os Meios de Comunicação na Educação.

De acordo com Gadotti (1998) a rede privada já se antecipou neste aspecto e por isso “[...] a rede pública precisa cada vez mais incorporar a tecnologia, tanto na administração, quanto nas escolas [...]”(p.28). Na verdade, para esse autor, “os órgãos responsáveis pela Educação pública precisam criar videotecas e núcleos de multimeios para produzir vídeos e outros materiais didáticos, e não serem meros consumidores [...]” (p.28)

Essa preocupação aparece também em publicações do autor Marcos Napolitano que destaca algumas iniciativas públicas importantes para valorizar o uso adequado de recursos tecnológicos na Educação. Entre elas, prevalece em seu discurso, a TV Escola do MEC, como uma iniciativa pública importante e presente em várias escolas brasileiras.

Concordando com a preocupação expressa pelos autores estudados buscamos identificar e destacar algumas iniciativas consideradas relevantes na área de Educação e Comunicação. Considerando aspectos de abrangência (quantidade de escolas, professores, alunos e comunidade atingidos), o reconhecimento acadêmico e público (que pôde ser avaliado pelo número de publicações e pesquisas sobre estas iniciativas), a quantidade de produtos (em especial o acervo em vídeos) colocados a disposição dos educadores, a facilidade de acesso e a estrutura de divulgação do acervo, selecionamos e destacamos neste estudo duas ações – o TV Escola do MEC e a Multirio – que,

nas subseções seguintes, serão apresentadas de uma maneira mais detalhada.

Cabe ressaltar que as informações necessárias para a descrição dessas políticas foram adquiridas através de consultas aos sites das mesmas, dos materiais existentes na Coordenadoria de Educação a Distância da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (CEAD/UNIRIO) e de outras publicações que, de alguma maneira, citam estas iniciativas.

### **6.1. TV Escola do MEC**

Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação possui quatro principais programas que norteiam sua linha de atuação neste ministério. São eles: TV Escola; Programa Nacional de Informática na Educação; Programa de Formação de Professores em Exercício; Programa de Apoio à Pesquisa em Educação a Distância; e Rádio Escola.

Um dos princípios declarados por essa Secretaria é o enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem através da integração de diferentes mídias. Portanto, em março de 1996, o MEC lançou oficialmente a TV Escola, pois visava atualizar e aperfeiçoar a prática de professores do Ensino Fundamental e Médio da rede pública brasileira, sobretudo em regiões mais distantes do país.

A TV Escola é um canal de televisão via satélite, destinado exclusivamente à Educação. Os primeiros programas produzidos foram embasados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois de acordo com Napolitano (1999) o MEC visava aperfeiçoar a socialização de conteúdos e otimizar a reciclagem desses profissionais.

No site da Secretaria de Educação a Distância podemos verificar relatórios, dados, apresentações, definições, estrutura e demais informações acerca deste

Programa. De acordo com este site, A Tv Escola pode ser entendida como um recurso didático que, dentre outras questões, permite a escola entrar em sintonia com as grandes possibilidades pedagógicas oferecidas pelo recurso audiovisual.

Além disso, através do relatório de atividades da TV Escola (1996-2002) podemos conhecer melhor essa iniciativa, pois destaca seu histórico, atividades e dados levantados. De acordo com essa publicação, os programas produzidos pelo canal objetivam

“[...] implementar uma proposta de pedagogia da imagem, que se caracteriza pelo uso da imagem não como simples ornamento, mas como uma forma de linguagem, de comunicação, gerando leitura, decodificação, descoberta e aprendizagem [...]” (p.08)

O ponto de partida do Programa TV Escola foi enviar para escolas públicas, servidas de energia elétrica e com mais de 100 alunos um Kit de equipamentos: televisor, videocassete, antena parabólica, receptor de satélite e um conjunto de dez fitas de Vídeo VHS, para o início das gravações, pela escola, dos programas exibidos pelo canal.

O relatório de atividades permite conhecer os números de Kits distribuídos até o ano de 2002, como nos mostra os dados apresentados na Tabela 3 abaixo.

**Tabela 3 - Número de Kits distribuídos pelo TV Escola.**

<b>Estado</b>	<b>Nº de Kits</b>
<b>Região Norte</b>	<b>4.876</b>
Acre	211
Amapá	134
Amazonas	678
Pará	2.626
Rondônia	464
Roraima	121
Tocantins	642
<b>Região Nordeste</b>	<b>21.530</b>
Alagoas	1.252
Bahia	6.294

Ceará	3.455
Maranhão	3.038
Paraíba	1.625
Pernambuco	2.797
Piauí	1.460
Rio Grande do Norte	833
Sergipe	776
<b>Região Sudeste</b>	<b>18.498</b>
Espírito Santo	867
Minas Gerais	6.264
Rio de Janeiro	3.981
São Paulo	7.386
<b>Região Sul</b>	<b>8.575</b>
Paraná	3.705
Rio Grande do Sul	3.175
Santa Catarina	1.695
<b>Região Centro-oeste</b>	<b>3.916</b>
Distrito Federal	422
Goiás	1.922
Mato Grosso	845
Mato Grosso do Sul	727
<b>TOTAL</b>	<b>57.395</b>

Fonte: SEED/MEC – Relatório de atividades TV Escola (1996-2002).

De acordo com os dados apresentados pela tabela 3, já foram distribuídos em todo Brasil, 57.395 Kits do TV Escola, o que corresponde 91,9% de escolas públicas com mais de 100 alunos. Podemos verificar que o Tv Escola, de acordo com seus dados, está presente em todos os estados brasileiros, sendo que sua maior concentração encontra-se na região Nordeste, até mesmo por sua quantidade maior de Estados.

“A programação regular da TV Escola é transmitida de Segunda a Sexta-feira em quatro blocos diários de três horas [...]” (Napolitano, 1998, p. 27), ou seja, este canal transmite doze horas de programação diária, com repetições, de forma à permitir às escolas diversas opções de horário para gravar os Vídeos. Além disso, aos sábados é veiculado o Escola Aberta, uma seleção especial que busca alcançar também as famílias e a comunidade em geral.

Nos estudos realizados, verificamos que além dos programas veiculados

por esse canal, a TV Escola é complementada por materiais impressos, compostos por jornais, revistas, guias para orientar os usuários quanto aos programas, cartazes e grade de programação. Tudo isso, permite ao professor obter um amplo conhecimento do programa e das atividades a serem realizadas.

A revista TV Escola é distribuída bimestralmente às escolas com o objetivo de contar aos professores os acontecimentos, novidades e experiências trazidas pelo Programa. Nela, o professor poderá encontrar seções onde escolas e seus profissionais fazem perguntas e contam, experiências vividas em sala de aula com as programações veiculadas pelo canal. Além disso, esta revista disponibiliza entrevistas e artigos de diferentes estudiosos da área de Educação. Também existe um local que destaca a programação veiculada naquele período, onde os professores podem encontrar resumos, atividades, objetivos e idéias de trabalho dos programas em questão. Ainda nesta publicação encontramos uma preocupação de informar aos profissionais como usar os equipamentos, os programas, as gravações e demais publicações do TV Escola.

Um outro material impresso importante e esclarecedor é o Guia de Programas do TV Escola. Nesta publicação podemos encontrar o registro de todos os programas veiculados por esse canal. Esses programas aparecem distribuídos em áreas temáticas e seções especiais, onde encontramos uma ficha técnica bem resumida para cada um deles. De 1996 a 2002 foram produzidos pelo MEC uma quantidade significativa de programas, como mostra a Tabela 4.

**Tabela 4 – Acervo de programas Tv Escola**

<b>Categoria</b>	<b>Nº de Programas</b>
E. Fundamental	727
E. Médio	448
Educadores	437
<b>Total</b>	<b>1612</b>

Fonte: SEED/ MEC – Guia de Programas TV Escola (1996-2002)



De acordo com o catálogo de Programas, neste período, a Secretaria de Educação a Distância (SEED) produziu, especialmente para a TV Escola, 1.612 programas, que ocupam mais da metade do tempo da programação diária transmitida às escolas. A tabela 4 mostra que a maior produção, equivale ao Ensino Fundamental com 727 programas produzidos, seguido pelo Ensino Médio e só depois pelos Educadores.

Cabe ressaltar que esses programas destinados aos educadores fazem parte do Salto Para o Futuro, série destinada à formação continuada de professores e de alunos de magistério.

Em alguns estados e municípios, esta série é utilizada como apoio aos cursos de formação de professores para as séries iniciais. Nestes casos, a participação do professor em um determinado número de séries do Programa, permite contagem de pontos para a progressão na carreira. Além do programa televisivo, o salto para o Futuro, utiliza material impresso que complementa o debate apresentado na TV com textos, sugestões de atividades para serem desenvolvidas pelos professores em sala de aula.

Através de todos os dados levantados para o conhecimento da TV Escola podemos verificar que o número de publicações, tanto televisiva, quanto impressa é considerada boa, como afirma Napolitano (1999). Todavia, autores como Toschi (2000) não consideram a quantidade proporcional à qualidade, pois apesar de todos os Vídeos e impressos produzidos para capacitar professores,

"[...] o material tem sido utilizado como mais um recurso em sala de aula, sem que se constitua em material de estudo para o professor; deixa de cumprir os propósitos de atualização, aperfeiçoamento e capacitação de professores do Ensino Fundamental." (p.109).

Portanto, podemos verificar que para esta iniciativa, existem aqueles que

aplaudem seus investimentos e outros que questionam sua verdadeira eficácia.

## **6.2 MULTIRIO**

A MULTIRIO é uma empresa de Mídias da Prefeitura do Rio de Janeiro, criada por lei municipal em outubro de 1993. Esta empresa é responsável pela produção de programas de TV, Vídeos, sites, CD-ROM e publicações voltadas prioritariamente para a Educação.

Segundo o site da MULTIRIO o objetivo principal desta iniciativa regional, já que destina-se a apenas atender escolas do Município do Rio de Janeiro, é viabilizar um novo paradigma para as práticas pedagógicas da Educação deste município com o enfoque de educação inclusiva, tendo como eixo pedagógico a Multieducação. Portanto, para seus idealizadores, procura proporcionar novas estratégias educacionais aos alunos e professores para viverem na sociedade da informação e do conhecimento, convivendo e interagindo com múltiplas linguagens tecnológicas, entre elas, o audiovisual.

De acordo com os números apresentados no site, a MULTIRIO atende hoje, cerca de 1035 escolas municipais, 30 mil professores e 700 mil alunos, de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Esse atendimento é feito a partir de produções que investem no uso da tecnologia como forma de informar, formar, gerar conhecimento, ver e analisar o mundo. Por isso, produz meios audiovisuais como programas de TV, Vídeos, sites, além de publicações impressas, como o catálogo de produtos, a revista Nós da Escola e o Giramundo.

Quanto aos programas de TV, a MULTIRIO tem sua programação vinculada em TVs abertas, como o Canal 3 da NET, com quatro horas diárias de

exibição e também em canais TV aberta, como a TV Bandeirantes, com duas horas diárias de exibição.

Além disso, possui um portal que assegura a atualização permanente de professores e oferece serviços de informação, busca, entretenimento, cursos de Educação a Distância e criação de comunidades virtuais. Ainda, neste portal. Existe uma seção destinada à série Multieducação<sup>4</sup>, onde os professores “depositam” suas questões acerca de termos relativos aos meios audiovisuais na Educação e estas são refletidas por profissionais desta área que, além de responderem, propõem diversas atividades de aula com os Vídeos.

Para exemplificar tal atividade, destarecamos uma questão levantada e sua posterior reflexão, encontradas no site da MULTIRIO:

“Como formar um telespectador crítico? A princípio, a escola pode trabalhar com seus alunos qualquer tipo de programa, desde que criteriosamente defina os objetivos e as formas de explorar os meios [...] segundo Morán, a televisão pode ser um rico instrumento para o trabalho pedagógico. Cabe ao professor a promoção de atividades que levem os alunos a questionarem a realidade do que assistem pela TV [...]”. (www.multirio.gov.br, acessado em 25/01/2004)

A partir da reflexão feita pelos profissionais da MULTIRIO a esses professores, podemos perceber que além de favorecerem uma visão transformadora em relação aos meios, ainda utilizam-se de teóricos que poderão ajudar a responder as dúvidas desses professores.

Um outro produto disponibilizado por essa empresa de Múltiplos Meios é o Vídeo. De acordo com o catálogo 2000 de Produtos MULTIRIO, neste ano estavam à disposição das escolas cerca de 1.362 produções em Vídeo, como pode ser verificado abaixo:

---

<sup>4</sup> Esta série será abordada ainda nesta subseção.

**Tabela 5 – Número de programas da MULTIRIO**

<b>Distribuição</b>	<b>Nº de Programas</b>
Segmento Escolar	540
Segmento Informativo	546
Segmento Cultural	261
Peças Promocionais e Campanhas	15
<b>Total</b>	<b>1362</b>

Fonte: Catálogo Produtos MULTIRIO - 2000

Neste catálogo, essas produções são apresentadas e divididas em quatro partes: Segmento Escolar, Segmento Informativo, Segmento Cultural, Peças promocionais e Campanhas. Como pode ser verificado na tabela 5, o segmento informativo é o que possui maior número de produções, seguido do Segmento Escolar. Neste segundo, encontra-se a maior série destinada à formação de professores: A Multieducação.

A Multieducação é formada por programas interativos, onde a apresentadora e seus convidados, além de uma platéia formada por educadores, debatem o lugar da escola na sociedade que se deseja. De acordo com este catálogo, em 2000 a série era formada por 218 programas, com temas e assuntos variados, possibilitando ao professor utilizá-los em situações diversas.

Além dos programas destinados aos professores, as produções atendem também as áreas de Matemática, Língua Portuguesa, Geografia, História, Literatura, Artes, Ciências, Orientação sexual, dentre outras, com a finalidade de serem utilizadas em sala de aula pelos professores, como mais um recurso didático.

Através do levantamento dos materiais que foram fonte de dados para essa pesquisa, verificamos que a MULTIRIO é uma empresa de Mídia que preocupa-se em formar professores e alunos de forma crítica às linguagens audiovisuais existentes. E através de suas produções, fornecem um material

audiovisual de qualidade para essas escolas atendidas. Todavia, verificamos que o acervo disponibilizado ainda é pouco em relação a demanda existente, pois existem, poucos Vídeos para determinadas áreas e segmentos. De acordo com o Catálogo utilizado neste estudo, os Segmentos menos favorecidos são a Educação Infantil e o Primeiro Segmento do Ensino Fundamental. Por isso, podemos concluir que apesar do esforço, ainda falta muito a se percorrer.

## **7. Considerações finais**

A presença maciça dos meios audiovisuais na vida dos cidadãos comuns já é um fato reconhecido por todos os estudiosos da área de Educação e Comunicação e facilmente constatado por pesquisas do IBGE e do Inep. No entanto, também é fato a preocupação dos educadores com a incorporação efetiva e o uso adequado desses recursos na Educação.

Após todos os levantamentos bibliográficos realizados até aqui, foi possível identificar visões muito parecidas na maioria das obras referentes à temática em questão. Praticamente todas elas referem-se à necessidade de uma efetiva integração dos meios audiovisuais na Educação. Para os estudiosos, integrar as novas tecnologias da informação e da comunicação ao cotidiano das instituições educativas, exige mudanças nos modos de ensinar, na concepção e na organização dos sistemas educativos e, conseqüentemente, na cultura escolar. Todavia, o estudo realizado vem mostrar que tais mudanças, como elemento inovador nas instituições educacionais, passam, necessária e fundamentalmente pela formação dos professores e pela adoção de novas metodologias de ensino.

Por outro lado, verificamos que essa preocupação com a formação de professores vai além da simples crítica ou denúncia. Os autores estudados fornecem alternativas e sugestões de uso dos meios em algumas de suas obras, apesar de autores como Napolitano, Gadotti, Morán e Ferrés, reconhecerem, de alguma forma, que "a prática cotidiana demonstra que a incorporação da tecnologia do vídeo às escolas se faz com freqüência a partir da improvisação e da falta de orientação [...]" (FERRÉS, 1996b, p.144). E por isso, a formação e o esclarecimento tornam-se fundamentais para os profissionais da educação.

Talvez devido a esta preocupação, observamos que estes autores

possuem obras publicadas com uma linguagem clara e direta, sem incorporar muitos jargões acadêmicos que as distanciariam de seu público de interesse, os professores. As sugestões destacadas nessas obras são simples e objetivas, fornecendo aos professores, propostas de fácil aplicação, sendo também criativas e enriquecedoras. Além disso, muitas delas se repetem, evidenciando que algumas propostas podem ser consideradas como consolidadas e fundamentais para a maioria deles.

Como estratégia de formação do professorado, além de apresentar propostas, os autores apontam o trabalho de pesquisa com essencial. Neste sentido, destacam a necessidade de investimentos nesta área, como por exemplo a elaboração de seminários e demais encontros. Como afirma Ferrés,

“[...] os seminários de aplicação do Vídeo às diversas áreas do ensino permitem pesquisar, experimentar e avaliar formulações mais criativas na aplicação didática do Vídeo. O ideal seria que se multiplicassem tais iniciativas e que posteriormente pudessem publicar os resultados, de maneira que servissem como pauta ou modelo para o trabalho dos demais professores.”(1996b, p. 149).

Uma outra questão apontada pelos estudiosos é a adequação das instalações e equipamentos necessários para uma incorporação de qualidade. Todavia, cabe ressaltar que esta parece não ser uma questão das mais importantes para os autores, apesar de ser apontada como necessária. Sabemos que a simples existência de recursos e boas condições físicas não garante uma utilização adequada destes recursos. No entanto, nossa experiência de pesquisa na UNIRIO demonstrou que boas condições são um bom começo, podem pelo menos deixar funcionar como justificativa para não utilizar os recursos ou para diminuir as dificuldades reais vivenciadas pelos professores o que os torna mais inseguros e resistentes. Para Ferrés (1996b) a aquisição de tecnologias na Educação é uma temática muito mais abrangente, pois deve obedecer a critérios

de caráter técnico, didático e econômico.

Assim, além das condições técnicas e físicas, é preciso levar em conta aspectos de adequação didática para um uso eficaz dos recursos audiovisuais, que tire proveito de todo o seu potencial pedagógico. Para contribuir para este fim apresentamos no capítulo cinco deste trabalho sugestões e propostas de uso didático desses materiais, sintetizados a partir das obras analisadas.

As precauções de caráter econômico não se relacionam apenas com o investimento inicial de compra de equipamentos. Este investimento inicial exige novos investimentos, como por exemplo, com a manutenção dos equipamentos, com obtenção e manutenção de um acervo rico, que atenda às necessidades de todos os professores da escola, e, especialmente com formação permanente dos professores. Assim, procuramos identificar e avaliar as políticas que contribuem para que não se perca o investimento inicial com a compra de Tv, vídeo, antena, etc. Para nós, e para a maioria dos autores estudados, este aspecto pode ser garantido por projetos públicos que contribuem tanto para a formação profissional para o uso dos meios quanto para a construção e manutenção de acervos, como é o caso das iniciativas apresentadas no capítulo 6. Investimentos como o que ocorre no projeto da TV Escola do MEC são fundamentais. Como mostramos na seção 6.1 o número de kits tecnológicos distribuídos para escolas públicas é muito significativo. Além disso, há uma significativa quantidade de programas produzidos para professores, alunos, escola e comunidade.

Portanto, a partir desses dados podemos sinalizar que hoje em dia já existe uma grande preocupação do poder público em incorporar, mostrar, educar e capacitar para os novos meios.

Unindo a disponibilização de recursos com as publicações dicas e



sugestões de uso dos meios, de fácil acesso a todos os interessados e crescentemente publicadas, podemos considerar que em pouco tempo teremos um número também crescente de experiências de uso do audiovisual em sala de aula, apesar dos números mostrarem que apenas uma pequena parte do professorado já ter inserido esta prática de forma corrente e eficaz.

As iniciativas apontadas são importantes, mas em um país com o tamanho do nosso, ainda não são suficientes. Como já afirmamos, não adianta apenas fornecer Kits e demais equipamentos. Uma verdadeira integração precisa ser analisada de vários pontos de vista, desde os recursos e das condições físicas e estruturais para o uso, até uma avaliação consistente dos efeitos deste uso entre alunos, professores, diretores, escola e comunidade.

É claro que os professores são agentes importantes nesse processo, mas uma escola não se constitui apenas desses indivíduos. Alunos, administração, direção e comunidade também devem ser considerados fundamentais para a incorporação do audiovisual na prática pedagógica. Como afirma Morán (2000) a boas condições para esta incorporação,

[...] dependem de termos educadores maduros, intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas [...] dependem também de termos administradores, diretores e coordenadores mais abertos, que entendam todas as dimensões que estão envolvidas no processo pedagógico [...] dependem também dos alunos [...] alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajudá-los melhor [...] (p.16-17).

Por isso, esta como outras mudanças nas prática escolares deve ser entendida como um processo contínuo onde todos os agentes da comunidade escolar unem-se para realizar um trabalho conjunto. Assim, todas as propostas e políticas existentes precisam deixar de ser encaradas como iniciativas isoladas para tornarem-se estratégias da escola como um todo. Isso, facilitaria, por

exemplo, a realização de um trabalho interdisciplinar ou de projetos coletivos, porque todos estariam, em maior ou menor grau, envolvidos e motivados nesse projeto coletivo.

Sabemos que todas as propostas e sugestões de uso do audiovisual apontadas pelos autores e sintetizadas neste trabalho, assim como as políticas identificadas, são importantes para a integração dos recursos audiovisuais no processo educacional. Todavia, essa pesquisa monográfica deixou claro para nós que não há, nem nunca haverá, receita ou regra para a incorporação e utilização desses meios. Sabemos que cada profissional, cada escola, cada turma, precisa ter suas diferenças respeitadas. Há especificidades ou particularidades que precisam ser resolvidas com criatividade, buscando adaptar propostas que se pretendem gerais mas que podem e devem sofrer ajustes para cada realidade.

Neste trabalho consideramos que cada professor é um professor, cada aluno é um aluno, cada turma é uma turma, cada escola é uma escola. Portanto, consideramos que os profissionais da educação precisam ter conhecimentos suficientes para se sentir com liberdade para adaptar sugestões, construídas e consolidadas pelos estudiosos e através de pesquisas, a sua realidade, de seus alunos, de sua escola, enfim, dos recursos que possui.

## 8. Referências

- BARRETO, Raquel G. Tecnologias nas Salas de Aula. In: LEITE, Márcia (org.). *Subjetividades Tecnologias e Escolas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.43-55.
- BELLONI, Maria Luiza. O Vídeo na Pré-Escola. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, V.28,n. 144, 30-36, 1999.
- BENCINI, Roberta. Da informação ao Conhecimento. *Revista Nova Escola*, Junho/Julho, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: SEF/MEC, 1998. 174p.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Relatório Tv Escola 1996 a 2002*. SEED/MEC, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Revista Tv Escola*. Brasília: MEC/SEED.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Tv Escola: Guia de Programas*. Brasília: SEED/MEC, 2002, 380p.
- CITELLI, A. *Comunicação e Educação: a linguagem em Movimento*. São Paulo, Editora SENAC, 1999.
- FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: SANCHO, Juana M. (org.) *Para uma Tecnologia Educacional*. Trad. Beatriz Affonso Neves, Porto alegre, Ed. Artmed, 1998.
- FERRÉS, Joan. *Televisão e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a.
- FERRÉS, Joan. *Vídeo e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b.
- GADOTTI, M. *A escola e a pluralidade de meios*. Vídeo Escola – Caderno do Professor. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1998.
- GUIMARÃES, Gláucia. *Tv e escola: discursos em confronto*. São Paulo: Cortez, 2000.

HAIDT, Regina Célia C. *Curso de Didática Geral*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

MANDARINO, M. *Indicadores Metodológicos para a Produção e Utilização de Vídeos na Educação*. Rio de Janeiro: UNIRIO/Departamento de Pesquisa, 2002 – relatório de pesquisa não publicado.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*, n.2, Editora Moderna, 1994.

MORÁN, José Manuel; MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda A. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar a televisão na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999.

Prefeitura do Rio. *Catálogo de Produtos 2000: MultiRio*. Rio de Janeiro: SME, 2000, 137p.

TOSCHI, M S. TV Escola: o lugar dos professores na política de formação docente. In: BARRETO, Raquel G. *Tecnologias Educacionais e Educação a distância: avaliando políticas e práticas*. RJ. Quartet, 2001.

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

[www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

[www.mec.gov.br/seed/tvescola](http://www.mec.gov.br/seed/tvescola)

[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO - CURSO DE PEDAGOGIA  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

Aluna: Greice Regina Bolgar dos Santos

Título do Trabalho Monográfico: Sala de Aula e Vídeo: Uma relação a ser Repensada

Orientadora: Profª Mônica Cerbella Freire Mandarinino

FICHA DE AVALIAÇÃO

\* Primeiro avaliador: Professor Convidado

Professora: Guaracira Gouvea

Nota: 9,0

Considerações Finais:

O trabalho está bem escrito e articula reflexões teóricas com análise de programas educativos que utilizam audiovisuais. Nesse sentido, vai além de um trabalho bibliográfico

**\*Segundo avaliador: Professor Orientador**

**Professora: Mônica Cerbella Freire Mandarino**

**Nota:** 9,5

**Considerações Finais:**

O trabalho de pesquisa bibliográfica da Greice foi bastante rico, abrangente e aprofundado possibilitando um olhar e um trabalho bastante rico. A aluna tem independência e competências bastante adequadas para o trabalho acadêmico e com isso seu relatório final foi escrito com bastante facilidade! O trabalho de pesquisa documental e o aproveitamento de resultados de pesquisas anteriores das quais a aluna participou demonstram reflexão e hipóteses de interesse para a área.

**\* Terceiro avaliador: Professor da Disciplina Monografia II**

**Professora: Lígia Martha C. da Costa Coelho**

**Nota:** 10,0

**Considerações Finais:**

① trabalho executado-se de acordo com as normas  
da ABNT.

*Jelly*

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota Final
9,0	9,5	10,0	28,5	9,5

Rio de Janeiro, 12/04/2004

*Jelly*